

**Anais do  
III Seminário Internacional de Integração Étnico-Racial e as Metas do Milênio**

# RAÇAS HUMANAS: CONCEITOS E PRECONCEITOS

## *Races: Concepts And Prejudices*

### **Cláudio Martins São Martinho**

Cláudio Martins São Martinho é Bacharel e Licenciado em Geografia pela Universidade de São Paulo USP, com Especialização em História da Filosofia na Fundação Álvares Penteado FAAP. Professor do Ensino Fundamental II, Médio e Superior. Graduação e Pós-Graduação em Geografia, Epistemologia, Metodologia da Pesquisa Científica e Pedagogia. Professor de Cursos preparatórios para vestibular, Concursos Públicos, Escolas Militares e de atualização para professores. Coordenação do curso de pedagógica. Participou como palestrante em quatro encontros internacionais de Geografia, representando a Universidade de São Paulo (USP). Realiza palestras em simpósios para empresas e outras instituições. Têm diversas publicações, além de trabalhos produzidos em videoaula, materiais didáticos (impresso e digital), inclusive para EAD (ensino à distância). Desenvolve pesquisas nas áreas de Metodologia Científica, Epistemologia, Epistemologia da Geografia e Pedagogia.

**Palavras chaves:** raça, conceito, preconceitos

### **RESUMO**

No conhecimento científico, desde Aristóteles (384/ 322 a. C.), verifica-se a necessidade de se classificar os objetos de estudo conforme Russell (1957). Classificar que significa dividir em classes, ou subgrupos, trata de uma divisão baseada em critérios pré-estabelecidos pelo “método científico”. Não é discutir critérios ou métodos, mas considerar que ao se classificar, agrupa-se o que se considera semelhante e separa-se o que se considera diferente. Isto tem por principais as funções de colaborar para um maior conhecimento, e uma ação mais eficaz no que tange determinado objeto de estudo.

### **ABSTRACT**

In scientific knowledge since Aristotle (384/322 a. C.), there is the need to classify the objects of study as Russell (1957). Rate it means to divide into classes, or subgroups, is a division based on pre- established criteria by the “scientific method”. Is not discuss criteria or methods, but considering that the classifying, groups them that is considered similar and separates what is considered different. This has the main functions of collaborating for a better understanding and more effective action regarding particular object of study.

**Keywords:** race, concept, prejudices

## INTRODUÇÃO

Na seara do conhecimento científico, desde a época e a partir de Aristóteles (384/ 322 a. C.), verifica-se uma necessidade de se fazer uma classificação dos objetos de estudo [1]. Classificar significa dividir em classes, ou seja, em subgrupos. No entanto não se trata de uma divisão simples, mas sim, baseada em critérios pré-estabelecidos pelo “método científico”. Não é o caso, neste labor, de tratar de tais critérios, muito menos de discutir tal método, porém há que se considerar que ao se classificar, agrupa-se o que se considera semelhante e separa-se o que se considera diferente. Isto tem por principais funções colaborar para um maior conhecimento e uma ação mais eficaz no que tange determinado objeto de estudo.

O conceito de raça no contexto da Biologia, a classificação de animais utiliza o conceito de raça. Pode-se falar em raças de cães, de cavalos e assim por diante. Tal conceito apresenta, em sua estrutura, imprecisões, porém há um ponto em comum, a ideia de raça está associada à questão genética. Algumas ilustrações sobre isto – a imprecisão e o caráter genético – aparecem nas definições abaixo<sup>1</sup>.

Definições biológicas de raça:  
Essencialismo - Hooton (1926) – "A raça é a grande divisão do gênero humano, caracterizado como grupo por partilhar certa combinação de características derivadas da sua descendência comum, mas que constituem um vago fundo

físico, normalmente obscurecido pelas variações individuais e mais facilmente apreendido numa imagem composta".

População - Dobzhansky (1970) - "Raças são populações mendelianas geneticamente distintas. Não são populações individuais nem genótipos específicos, mas consistem em indivíduos que diferem geneticamente entre si".

Taxonomia – Mayr (1969) – "Raça é um agregado de populações fenotipicamente similares numa espécie, habitando uma subdivisão da área geográfica de distribuição da espécie e diferindo taxonomicamente de outras populações dessa espécie".

Linhagem - Templeton (1998) "Uma subespécie - raça é uma linhagem evolucionariamente distinta dentro numa espécie. Esta definição requer que a subespécie seja geneticamente diferenciada devido a barreiras à troca de genes que persistiram durante longos períodos de tempo, ou seja, a subespécie deve ter uma continuidade histórica, para além da diferenciação genética observada".

Hooton destaca, então, a questão da descendência – portanto ligada à genética – e a questão do aspecto visual do indivíduo - o fenótipo, que é resultado da composição genética e da influência do meio ambiente; já Dobzhansky explicita a genética de Mendel; ao passo que Mayr e Templeton ressaltam o fenótipo e a localização, a territorialização do grupo, na formulação do conceito de raça.

---

<sup>1</sup> Wikipédia (2015)

## 1. RAÇAS HUMANAS OU RAÇA HUMANA?

Em seu brilhante trabalho intitulado “Evolução, Raça e Cultura”, Gioconda Mussolini<sup>2</sup> apresenta a seguinte argumentação: “se tentarmos elaborar um conceito de raça que abranja todas as características de um homem, a tentativa está fadada a completo fracasso. (...) É impossível retratar um indivíduo particular por qualquer descrição menos completa que a especificação de todo o seu genótipo. (...) a diferença de um único gene seria suficiente para constituir uma diferença racial. Por exemplo, várias populações humanas diferem quanto á frequência dos grupos sanguíneos A, B, AB e O, e a frequência de RH”.

Poderia-se ter, neste caso, numa mesma “raça”, um negro africano e um alemão e em grupos raciais distintos, dois chineses, um em cada grupo. A partir disto temos que não é possível, do ponto de vista do pensamento científico, ou, como disse Russell<sup>3</sup>, do pensamento definido, afirmar que é possível subdividir a humanidade em raças, tal como faz o senso comum. A humanidade como um todo constitui uma única raça, ou seja, todos os seres humanos fazem parte da mesma raça.

Dourando a Pílula - os defensores da existência de raças na humanidade poderiam apelar para aproximação do conceito, a fim de, numa teoria “ad hoc”, manter a ideia inicial, porém com outra “vestimenta”. Outra tentativa para “dourar a pílula” seria substituir o conceito por outro, que mantivesse a ideia original. O mais usual, neste sentido, tem sido, por um lado, substituir “raça” por “etnia”, ou, por outro lado, substituir por algum aspecto do fenótipo, como

por exemplo, “negro”, “asiático” e assim por diante. Seria esta a estratégia adequada? Para responder a esta pergunta temos que tentar responder outra, a partir deste princípio: o que é ser negro? Ser negro seria, no primeiro caso, fazer parte de uma etnia; já, no segundo caso, seria ter em seu fenótipo cor da pele negra (ou afins, ou seja, tonalidades da cor negra).

## 2. RAÇA OU ETNIA?

Trocar “raça” por “etnia” não minimiza os problemas. O conceito de etnia está associado ao aspecto cultural, ou seja, um modo de vida. A definição de cultura adotada neste trabalho encontra-se se baseia na obra de Maria Elisa Cevasco “Dez lições sobre Estudos Culturais”<sup>3</sup>. Segundo esta autora, não existe uma única cultura, ou uma hierarquia entre as diversas culturas existentes.

Desta forma haveria uma “cultura” originária da África negra e, portanto ser negro significa adotar estes hábitos, costumes e valores expressos na arte (música, dança, religiosidade e assim por diante), na culinária, entre outros aspectos. Aqui podemos destacar duas questões fundamentais, uma pessoa de “pele negra” que, por exemplo, não gostasse de samba e sim de música erudita – portanto de origem europeia – não seria “negra”; e uma pessoa de “pele branca” que gostasse de samba e não de música erudita seria “negra”. Lembro-me de uma entrevista para a televisão com Vinícius de Moraes, quando ele afirmou: “sou o branco mais negro do Brasil”, porém o - “poetinha” - como era amavelmente chamado por alguns – era “branco”.

<sup>2</sup> Mussolini (1969), P. 225 e 226. <sup>3</sup> Russell (1957).

<sup>3</sup> Cevasco (2008).

Assim sendo, o conceito de “etnia” não pode ser aplicado como um substitutivo para o conceito de “raça” sem problemas, pelo contrário, este artifício é impregnado de muitas turbulências.

Raça ou fenótipo? Da mesma maneira, trocar “raça” pelo fenótipo do indivíduo, também não resolve os problemas. Nos povos africanos chamados genericamente de negros há vários fenótipos muito diferentes, como por exemplo, basta comparar um pigmeu (estatura média, 1 metro e 30 centímetros) com um Watusi (estatura média, 1 metro e oitenta centímetros). A quantidade de povos diferentes (com fenótipos diferentes) no continente africano é muito grande (os bantos na metade sul do continente, os nilóticos na região do Alto Nilo, os pigmeus na Floresta do Congo, os Watusi na Península da Somália entre outros).

Mesmo assim, os defensores do racismo podem ainda afirmar que todos eles têm em comum a cor da pele. Ainda assim, a questão cor da pele para definir uma “raça” (negra) apresenta, pelo menos, um empecilho: a cor da pele é definida pela quantidade de melanina e esta é variável. Se um indivíduo, não afrodescendente, ficar exposto ao Sol por um determinado tempo, a sua pele escurecerá e poderá até ficar com uma cor de pele igual à de um afrodescendente e isto não o torna “negro”. Há também casos de irmãos gêmeos não idênticos, sendo um com “cor branca” e outro com “cor negra”.

## 2.2 Raça Africana?

Pode ainda um defensor do racismo afirmar que, no caso dos irmãos gêmeos, ambos podem ser afrodescendentes, ou não. Portanto a descendência definiria quem é negro (ou não) e

não o seu fenótipo. Aqui há que se lembrar de que a humanidade surgiu na África e se espalhou pelo mundo, por isso que há seres humanos em todos os continentes. Isto foi resultado migrações. Somos todos afrodescendentes.

O que é de fato o racismo - O racismo, ou seja, a crença na existência de várias raças na humanidade é, portanto, resultado de duas coisas: ignorância ou má fé. Se, por um lado, alguém pode ser racista por ignorância, no sentido de não saber que, como se tentou mostrar acima, não tem base científica, não faz parte de um raciocínio bem formulado com o rigor que a ciência exige. Cabe lembrar que ninguém nasce com um conceito já definido em sua mente, portanto ninguém nasce racista. O racismo é ensinado às pessoas e se trata de um ensinamento equivocado; por outro lado, o racismo como má fé significa que o racismo pode ser utilizado como instrumento de opressão e dominação. Para melhor entender isto, há que se especular sobre suas origens.

As origens do racismo - Desde os primórdios da humanidade, o homem formou grupos sociais. Tais grupos carecem de identificação e estes foram definidos inicialmente por laços sanguíneos, dando origem aos Clãs. Um Clã, ou outro grupo que se formaria posteriormente, apresenta uma territorialidade, ou seja, ela define uma área que considera como sendo um território a ela pertencente. Quando, por diversos motivos, que não são parte da atenção deste trabalho, há interesses comuns em um determinado território entre dois ou mais clãs, tem-se então um conflito territorial, que comumente leva a um atrito bélico. O grupo vencedor impõe uma relação de dominação ao grupo dominado, ou seja, uma relação de poder. Isto seria, então, justificado pelo seguinte raciocínio: o grupo dominado é

naturalmente inferior ao grupo dominador, ou seja, pertencem a uma “raça inferior”.

Um exemplo ilustrativo pode ser o fato ocorrido na colonização da América, decorrente da expansão marítima e comercial europeia. Os europeus, ao chegarem ao continente americano, encontraram uma terra já ocupada, um território alheio. Houve uma tentativa fracassada de escravizar os ameríndios, fato que não analisaremos aqui, sendo que povos da

África Negra foram trazidos posteriormente para a América como escravos. A justificativa da invasão da América e da escravidão dos povos africanos foi o racismo, tratava-se de “raças inferiores”. Porém nada mais era do que relações de poder.

O que é o poder? O poder advém da necessidade de se tomar uma decisão. Toda vez que há tal necessidade, institui-se uma relação de poder. Tem poder quem decidir. Isto ocorre tanto no plano das relações entre indivíduos até na relação entre nações. Um exemplo disto, nas relações entre indivíduos, pode ser o seguinte caso: há um banco vago num transporte coletivo (ônibus, metrô e assim por diante) e duas pessoas querendo se sentar. Quem decidir terá exercido o poder. Mesmo que uma pessoa decida que a outras deve se sentar, não importa quem foi beneficiado, mas quem decidiu. Este, como foi dito, exerceu o poder. O poder tem vários instrumentos de ação: a economia, a força, a autoridade, entre outros.

Quem tem o poder econômico decide. No plano individual, alguém que depende de outra pessoa para custear as suas necessidades está sob a dominação deste; já no plano global (entre nações) o poder de uma nação está também associado à sua riqueza.

A força é a capacidade de infringir sofrimento em outrem e constitui outra forma de poder. Um indivíduo pode adjudicar a outro o poder de decisão impelido pela ameaça do uso da força. Um assaltante decide que o assaltado vai lhe entregar seus pertences, ameaçando-o utilizar a força bruta caso este não o faça. É este o motivo de os países terem forças armadas, para submeterem ou não serem submetidos a decisões externas.

A autoridade consiste em uma autorização que um indivíduo dá a outro a tomar decisões em seu lugar. Isto acontece mediante certas situações, tais como a notoriedade, ou seja, uma pessoa reconhece no outro a melhor capacidade de tomar decisões por se tratar de alguém melhor preparado para isto, como no caso de uma criança que, ao atravessar uma rua, estende a mão para que um adulto o conduza; outro caso é a persuasão, ou seja, uma pessoa convence (mesmo que não seja verdade) que é mais bem preparada para tomar decisões – aqui vale a capacidade de persuadir – este tipo de autoridade é comum em lideranças que se baseiam em tradições e costumes que não são questionados pelos seus seguidores. Uma terceira forma de se obter autoridade é a humilhação.

Uma pessoa humilha outra pessoa para que esta se sinta inferior e autorize o outro (que seria então mais capaz) a tomar as decisões. É muito comum em situações de relações de poder que o suposto ser superior humilha o suposto ser inferior. O machismo e o feminismo são exemplos disto. Um gênero, através da humilhação (diminuição da crença na capacidade do outro) procura se manter no poder, ser quem toma as decisões. Há outras formas de autoridade que não serão tratadas neste labor.

### **3. O RACISMO E A AUTORIDADE.**

O racismo constitui uma forma de humilhação. Ou seja, um grupo social deve se submeter à autoridade de outro grupo social, por não se considerar capaz para tomar as melhores decisões. Um escravo, obedece ao seu senhor, por crer que este é superior a ele e desta forma não se rebela com a dominação, caso contrário o dominador impetra outras formas de poder, como por exemplo a força. Cabe ressaltar que não é necessário exercer a violência física, basta que o dominado conheça a capacidade do dominador de lhe infringir sofrimento. Por isso que não se castigava os escravos (por exemplo, chicoteando-os) o tempo todo, como aparece em vários filmes. O que se faz é “punir exemplarmente” o escravo rebelde para que os outros tenham sofrer as mesmas punições.

É desta forma o racismo constitui uma má fé. Uma forma de humilhação para que haja uma submissão pacífica. Enquanto alguns povos aceitam este tipo de humilhação, o poder está garantido. A dominação cultural, a crença de que existe uma cultura superior à outra também é uma expressão disto. Acreditar que, por exemplo, a arte de um determinado povo, ou suas crenças religiosas, e assim por diante, são superiores às suas próprias significa autorizar a dominação.

### **4. CONSIDERAÇÕES SOBRE IGUALDADE.**

Quando se fala em igualdade – o oposto do racismo – deve se lembrar de que a humanidade é constituída de diversidade, portanto querer negar esta diversidade com o discurso da igualdade

também não é correto. O que se busca é uma igualdade de determinados direitos dentro da diversidade. Por exemplo, o gênero masculino e o gênero feminino são estruturalmente diferentes, mas possuem direitos comuns. A igualdade deve partir das diferenças. Se eu quiser me comunicar com dois indivíduos e um deles só compreende a língua japonesa e o outro só compreende a língua alemã, para ser igual com ambos, eu devo tratá-los de modo diferente, ou seja, falar em japonês com quem só entende japonês e falar em alemão com quem só entende alemão. Se eu os tratar de modo igual, por exemplo, falar em japonês com ambos, um entenderá o que eu disse e o outro não, portanto ao tratá-los de modo igual, estou na realidade tratando-os de modo diferente.

### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

CEVASCO, Maria Elisa. Dez lições sobre estudos culturais. São Paulo: Boitempo Editorial, 2008.

MUSSOLINI, Gioconda. Evolução, raça e cultura. São Paulo: Companhia Editora Nacional, Editora da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1969.

RUSSELL, Bertrand. História da Filosofia Ocidental. São Paulo: Companhia Editora Nacional, Editora da Universidade de São Paulo, 1957. 3 volumes

SILVÉRIO, Valter Roberto. Síntese da coleção História Geral da África. Brasília: UNESCO, MEC e UFSCar, 2012. 2 volumes

WIKIPÉDIA. Raça. Disponível em <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Raça>> acessado em 10/outubro/2015.